

JORNAL DO BRASIL

O sonho chileno de FHC

MOACIR WERNECK DE CASTRO*

Imaginei, num surto de fantasia, que Fernando Henrique Cardoso teve uma espécie de recaída no passado, depois de assistir à posse de Ricardo Lagos na presidência do Chile. Embalado pelo sonho, ele deixava para trás a sua condição de presidente duplex do Brasil, comprometido com uma horrorosa política de centro-direita, e retornava, penitente, às origens socializantes. Succumbia à evocação daquele tempo de grandes esperanças que compartilhava ao procurar abrigo no Chile hospitaleiro de Salvador Allende. Ali estava diante dele, recebendo a faixa presidencial, o companheiro Lagos, velho amigo, belo caráter, o primeiro socialista a ocupar o cargo depois de Allende. Que coisa maravilhosa!

Ricardo Lagos chegava ao poder 27 anos depois do golpe de Augusto Pinochet, um obscuro mas astuto general que simulava obediência ao presidente da República e por isso fora nomeado chefe do Exército. Pinochet traiu a confiança nele depositada e implantou uma ditadura sangrenta, mantendo-a com o apoio decisivo de Washington. Sobreviveu como senador vitalício autônimo e agora deveria pagar pelos seus crimes perante a Justiça chilena, depois de escapar à prisão dourada de Londres em virtude de um conchavo internacional.

O novo presidente do Chile anunciou com serena firmeza que pretendia ter sob seu comando um Exército obediente e não deliberante. Declarava-se disposto a reformar a Constituição, se necessário com base num plebiscito, para remover o entulho da ditadura, ainda existente graças às vacilações e à pusilanimidade de dois governos da democracia cristã. Além de consertar uma transição defeituosa, lançava os fundamentos de uma política econômica que corrigia a falácia da prosperidade trombeteada pela ditadura (riqueza para a minoria, miséria maior para os pobres), inclusive as seqüelas nefastas das privatizações, que tinham servido para engordar as contas de Pinochet, sua família e seus apaniguados.

Nesse cenário, Fernando Henrique sonhava nostálgico com o Brasil que podia ter sido e não foi. Dada a sua reconhecida capacidade de se colocar fora do contexto, como se não tivesse nenhum poder decisório e não passasse de mero observador dos acontecimentos (ataque de modéstia que alterna com súbitos pruridos de mandonismo), lamentava não estar curtindo as mesmas riosas expectativas dos amigos chilenos. Com efeito, o seu Brasil é um país marcado por escândalos e fracassos, por uma corrupção endêmica e sobretudo pelo recorde mundial em matéria de injustiça na distribuição de renda. Ah, que bom seria viver a nova aurora de esperança que raiava para o Chile sob a presidência do companheiro Ricardo Lagos!

Mas eis que após esse mergulho na água lustral de antigos ideais, o sonho se dissipou na volta ao Brasil. Ao retomar pé na nossa dura realidade, FHC sentiu o peso dos liames e compromissos com uma política que encaixa o Brasil na globalização como país irremediavelmente subalterno. E então despertou da nostalgia de que fora tomado em sua visita à terra de Allende e Neruda. Do mundo exterior, o maior impacto lhe veio da Espanha. Na velha potência colonizadora ibérica, o socialismo de Felipe González acabava de ser soterrado por uma avalanche de votos. O Partido Popular de José María Aznar, líder do conservadorismo espanhol, conquistava um triunfo acachapante. Joaquín Almunia, o candidato do PSOE (Partido Socialista Obrero Español) – que cantou vitória antes do tempo, tal como FHC ao sentar-se na cadeira da Prefeitura de São Paulo na disputa com Jânio Quadros – renunciou à liderança do partido. Um desastre histórico, fruto de muito erros. Saudosistas de Franco deliraram.

Fernando Henrique se curou da miragem chilena. A ida à posse de Lagos valeria apenas como breve, sacramental e inconseqüente tributo a um ideário perempto, que só serve para ser lembrado em determinadas ocasiões. Os governantes modernos devem ser práticos, pragmáticos, realistas. Nefelibatas, nunca mais. FHC não quer que voltem a incluí-lo entre os “dez perfeitos idiotas da América Latina”, como dizia o título de um livro muito difundido nos círculos bem pensantes. Melhor não reincidir no risco, por puro sentimentalismo.

Mas quem conhece Fernando Henrique Cardoso sabe que talvez não seja essa sua última etapa. Ele é um mutante. Dependendo dos ventos que soprem, da forma que as nuvens da política venham a tomar ou de insondáveis pulsões íntimas sempre pode ocorrer o aparecimento de novas veleidades. Depende... De qualquer modo, o *intermezzo* chileno veio como que de encomenda para dar um toque romântico muito necessário à sua biografia, em meio a tanto prosaísmo sem grandeza e às contingências da tarefa inglória que lhe cabe executar como governante.